

# HISTÓRIA BREVE DA LUA

ANTÓNIO GEDEÃO



-2  
Ah

Sã da Costa/Juvenil

COLECCÃO ROSA DOS VENTOS

## 2 HISTÓRIA BREVE DA LUA

António Gedeão

Ilustrações de Maria Zulmira Oliva

Decerto já te não lembras da sensação de maravilhoso que experimentaste quando pela primeira vez olhaste a Lua que se ergue no Céu. A Lua, no seu esplendor, é um feitiço que justifica o lugar de relevo que a Poesia lhe tem concedido. Mas é também um objecto físico e, como tal, motivo de interesse para os estudiosos da Natureza. Neste auto que vais ler (e por que não representar?) o Autor imaginou para ti uma história divertida em que Poesia e Ciência dão as mãos.

A partir dos 8 anos



  
Ilhavo



12011828

1 17 033

## FIGURANTES

NARRADORA  
CAMPONÈS  
SENHOR DO MUNDO  
JERÓNIMO  
AGAPITO  
ASTRÓNOMO  
RAPARIGA

© Livraria Sá da Costa Editora  
Rua Garrett, 100-102  
1200-205 Lisboa  
Telefone: 21 346 0702  
Fax: 21 346 0722

Todos os direitos de tradução, adaptação e reprodução  
reservados para todos os países

ANTÓNIO GEDEÃO



# HISTÓRIA BREVE DA LUA

Auto  
em 1 quadro

Ilustrações de Maria Zulmira Oliva

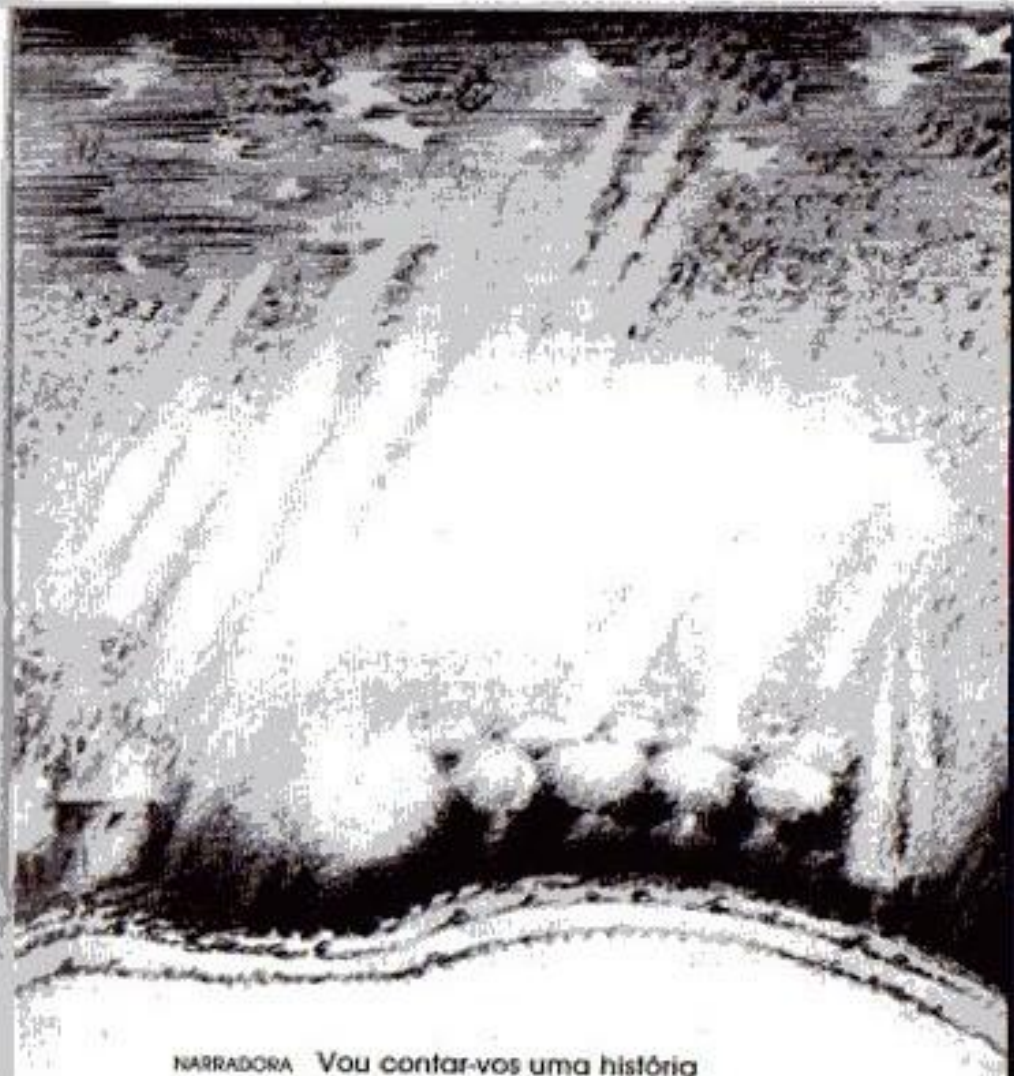
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ÍLHAVO  
Bibliotecas Escolares

Nº 12011828

Cota B21-2 GEDA h

Colecção *Rosa dos Ventos*  
Sá da Costa Juvenil

A cena representa uma paisagem campestre, arborizada, à hora em que a Natureza emerge do sono nocturno, permanecendo o céu ainda estrelado. Nesse céu, que deverá observar-se numa ampla superfície, a Lua está ausente e apenas deverá aparecer no momento exacto em que o texto o indica. Ouvem-se carifos de aves. Quando a cena se inicia estará presente a Narradora, mulher nova e insinuante, de face para os espectadores. Silêncio.



**NARRADORA** Vou contar-vos uma história que espero que vos agrade. A história não tem idade; vem de tempos recuados conservada na memória dos nossos antepassados.

Ainda eu era pequena,  
mas recordo-me tão bem!  
de estar com a minha mãe  
em certa noite serena,  
eu, aconchegada a ela,  
ela, aconchegada a mim,  
olhando pela janela  
o firmamento sem fim.  
No profundo céu estrelado  
subia o disco da Lua  
como um balão prateado  
enquanto um gato, na rua,  
miava de rabo alçado.

— Ó mãezinha, tu já viste  
a Lua como está suja?  
Parece que tem 'ma c'ruja,  
uma vaca ou lá o que é!  
Gostava de a ver ao pé.  
E tu, mãe?

De que te riste?

— Das tuas suposições.  
Não é c'ruja nem é vaca,  
nem macaco nem macaca,  
nem nada do que supões.

Contou então minha mãe,  
sempre bondosa e amiga,  
a tal história muito antiga  
que vou contar-vos também.  
Diz essa história que outrora  
a superfície da Lua  
não era como é agora.



(À medida que a Narradora fala  
vai-se elevando no céu, muito len-  
tamente, uma enorme Lua cheia,  
impecavelmente branca, sem man-  
chas.)

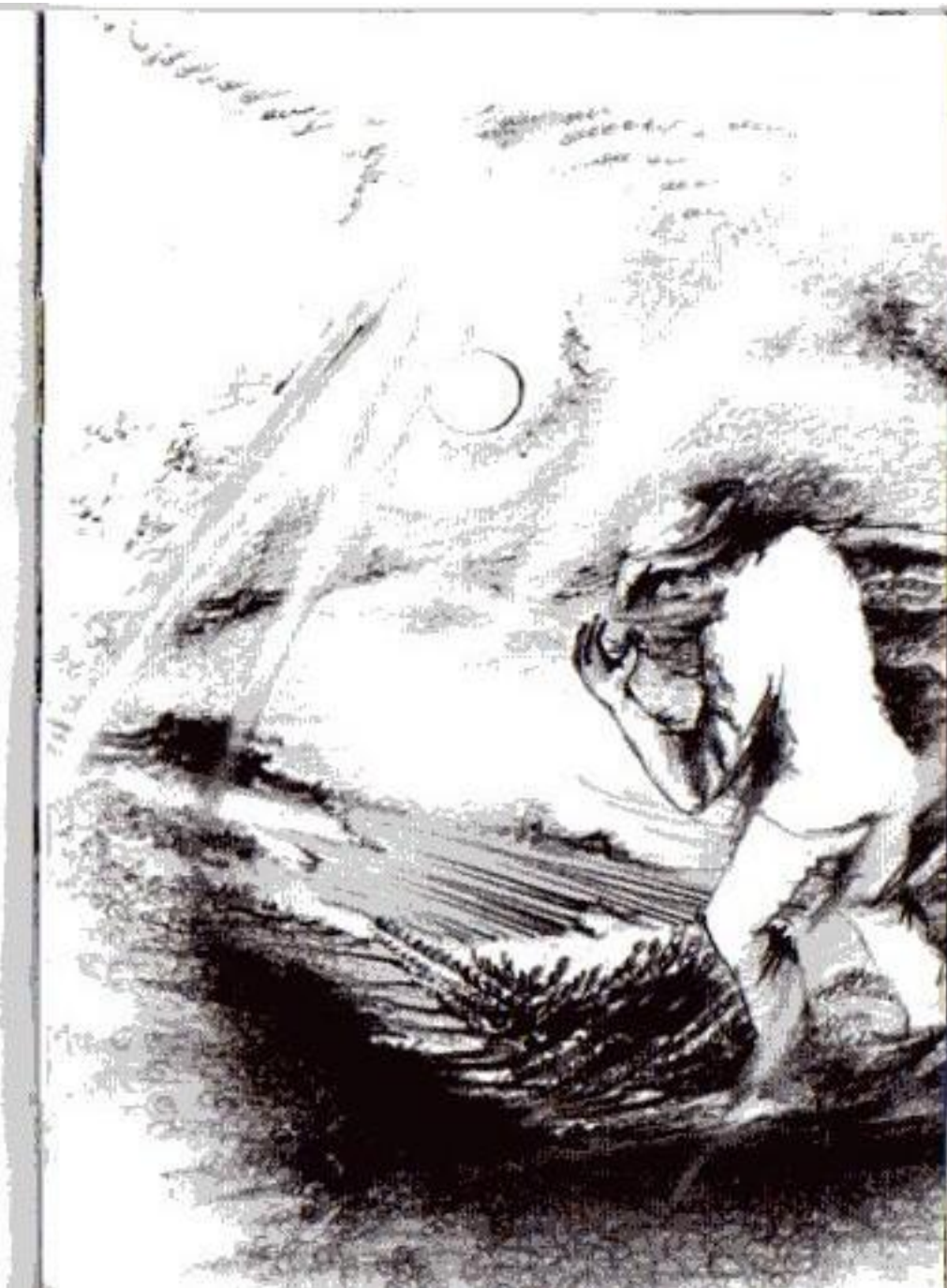
Mostrava-se então polida,  
branquinha, macia e nua  
como uma prata estendida.  
Assim era, até que um dia,  
por milagre ou por magia,  
tudo num sopro mudou.  
A superfície esmaltada  
apar'ceu toda manchada  
e assim, p'ra sempre, ficou.  
Uma enorme mancha escura  
representava a figura  
de uma humana criatura,  
perfeitamente visível:  
era um homem que lá estava,  
mexia as pernas, andava,  
abria a boca, falava,  
que até par'cia impossivell

É claro que isto é 'ma história,  
E essa história também diz  
quem foi o desinfeliz  
que teve a suprema glória  
de ser o primeiro na Lua.  
Ô que sorte malfadada!  
Mas a história continua  
até 'star toda acabada.  
Pois lá vai.

Era uma vez  
o pobre de um camponês...

(Simultaneamente com as últimas  
palavras da Narradora entra o po-  
bre Camponês. Caminha curvado  
ao peso de um molho de lenha,  
pâra e refaz o passo. Ouvem-se  
vozes alegres de aves, na alvorada,  
enquanto o céu continua a cintilar  
de estrelas. O pobre Camponês  
pâra a descansar.)

CAMPONÊS Ô miséria derradeira!  
Anda um pobre como eu  
a fossar a vida inteira  
p'ra não ter nada de seu!  
Ô triste da minha vida!  
Ô pesar do meu viver!  
Tanta gente bem comida  
e eu sem nada p'ra comer!  
Ando a apanhar garavatos  
por essas serras além  
e só recebo maus tratos  
sem carinhos de ninguém.



Fui assim desde criança.  
Sem culpa já nasci lorto.  
Agora, perdida a esp'rança,  
só me resta cair morto.

(Entra o Senhor do Mundo, exuberante, sacudido e dominador, o rosto quase invisível pela abundância de barbas e de cabelo. Entra, de sandálias, com passos largos e apressados, como quem tem muita que fazer. A entrada do Senhor do Mundo é anunciada por um sibombar de trovões, que logo amedronta o Camponês, e durante a sua presença em cena ouve-se continuamente um rumor de trovoadas.)

SENHOR DO MUNDO (estacando ao encarar com o Camponês, e recuando num pulo)

O quê? Que vejo? Que é isto?  
(pausa de espanto)  
Que é que tu fazes aqui?

CAMPONÊS (tremendo)

Senhor! Senhor!

SEN. (escarminho)

Pelo visto  
não te arreceias de mi!

CAM. (na mesma)  
Senhor!

SEN. (irado)

Não há cá senhores!



Agora te chega o medo?  
Não sabes que não concedo  
nem piedade nem favores  
aos humanos pecadores,  
e que mais tarde ou mais cedo  
pagarão com suas dores?  
P'ra ninguém isto é segredo.

CAM. (sempre aterrorizado)

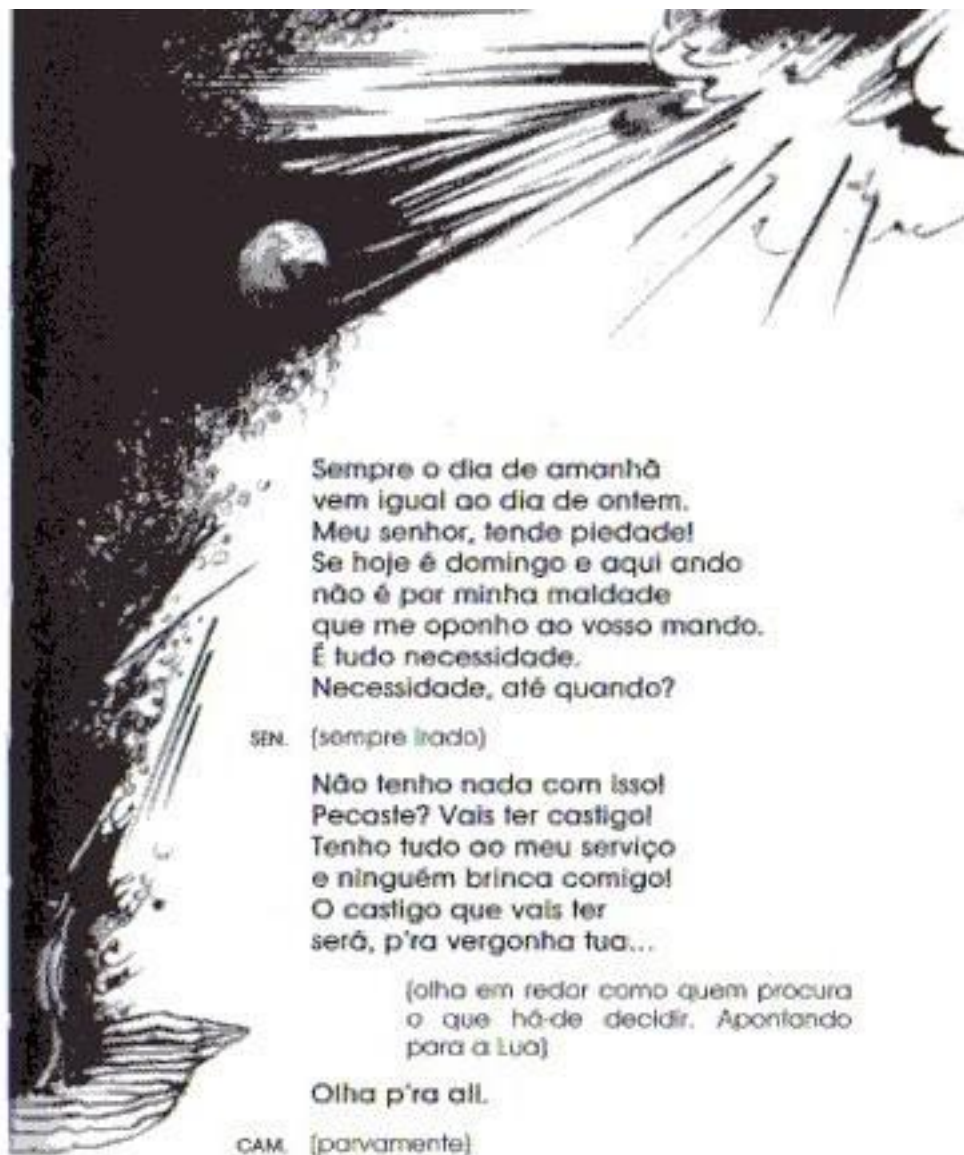
Senhor! Só por esta vez!  
Tende de mim compaixão!  
Sou um pobre camponês  
que anda a ganhar o seu pão!

SEN. (sempre irado)

Para ganhares o teu pão  
fens a semana contigo,  
Não merece compaixão  
quem não respeita o que digo.  
(mais irado)  
Não sabes que hoje é domingo?  
Como tal não se trabalha?  
Não sabes que eu se me vingo  
não há ninguém que te valha?

CAM. (patético)

Ó miséria sem futuro!  
Tristeza do homem pobre!  
Nunca passa do pão duro,  
dos trapos com que se cobre.  
Alegria é coisa vã.  
Não há esp'ranças que despontem.



Sempre o dia de amanhã  
vem igual ao dia de ontem.  
Meu senhor, tende piedade!  
Se hoje é domingo e aqui ando  
não é por minha maldade  
que me oponho ao vosso mando.  
É tudo necessidade.  
Necessidade, até quando?

SEN. (sempre irado)

Não tenho nada com isso!  
Pecaste? Vais ter castigo!  
Tenho tudo ao meu serviço  
e ninguém brinca comigo!  
O castigo que vais ter  
será, p'ra vergonha tua...

(olha em redor como quem procura  
o que há-de decidir. Apointando  
para a Lua)

Olha p'ra ali.

CAM. (parvamente)

É a Lua.



SEN. (irado)

Pois que é que havia de ser?  
(com dignidade)  
Essa Lua que além vês  
irá ser tua morada.

CAM. (afrito)

Senhor! Só por esta vez!  
Sou um pobre camponês!

SEN. Já sei. Não digas mais nada.  
Procuravas esconder-te  
mas de mim ninguém se esconde.  
Vais ficar num sítio onde  
toda a gente possa ver-te.  
Para sempre na memória  
teu exemplo ficará.  
Será essa a tua glória.  
(bravamente, apontando para a Lua)  
Já!

CAM. (tremendo)

Senhor!

SEN. (mais forte)

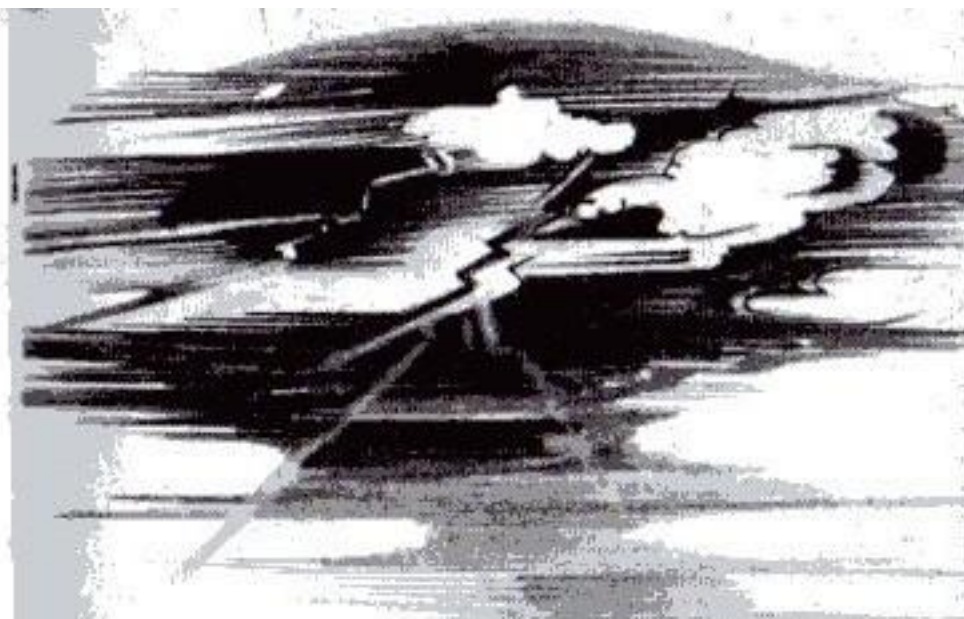
Já!

CAM. (no máximo do susto)

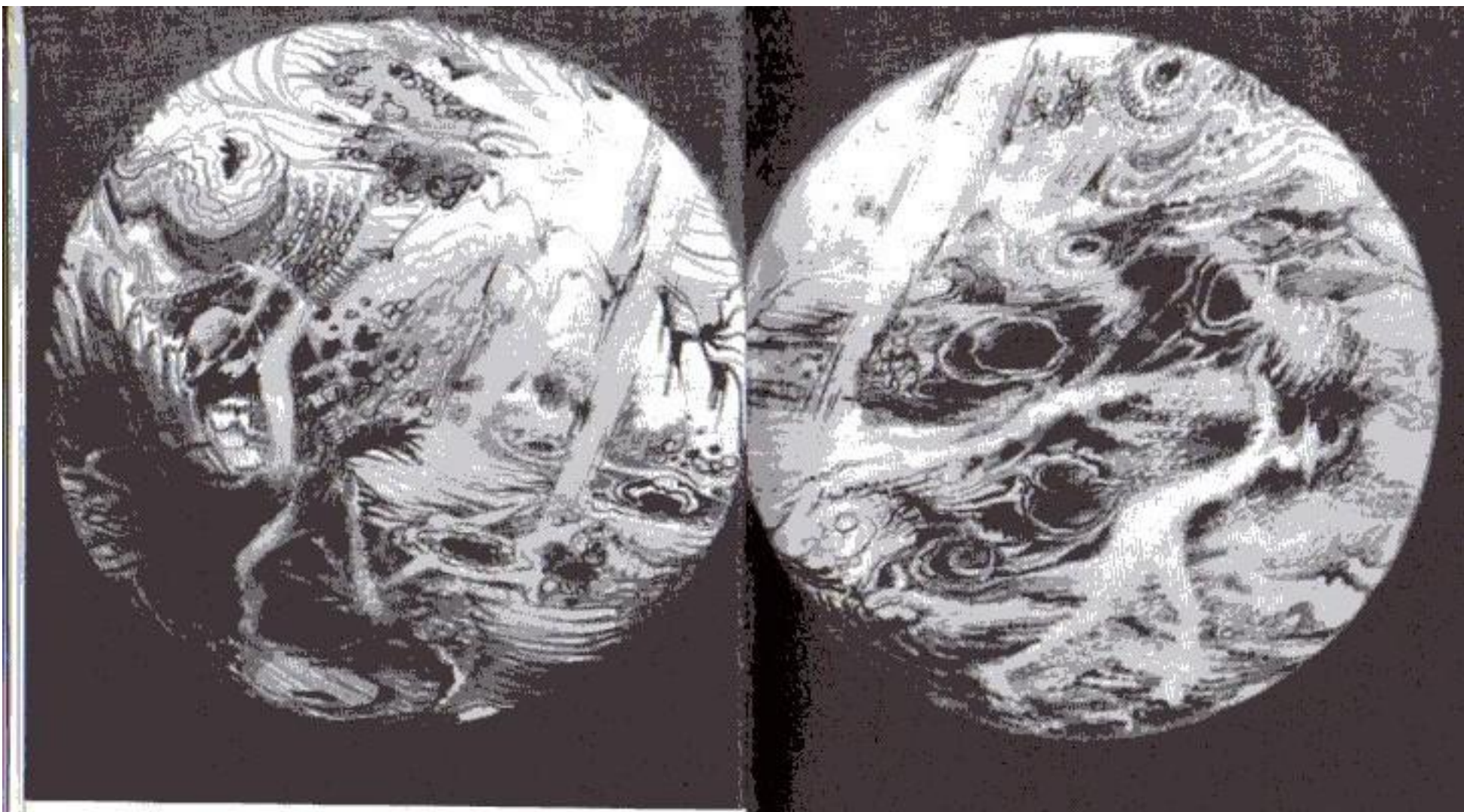
Senhor!

SEN. (definitivamente)

Já!



(Com o ribombo de um trovão, a cena escurece quando o Senhor do Mundo pronuncia o último «já». Quando a cena de novo se ilumina, o Senhor do Mundo e o pobre Camponês desapareceram, e a lua cheia, no local em que estava, pateteia agora as suas manchas, onde se evidencia, até forçadamente, a figura do pobre Camponês com o molho de lenha às costas, em atitude de caminhante. A Narradora, que permaneceu no palco durante toda a cena anterior, volta-se para o público e diz, apontando para a Lua)



NAR. E lá está ele, coltado!  
E daí ninguém o tira!  
O que vale é que é mentira

18

porque foi tudo inventado.  
(pausa)  
Espero que tenham gostado

19



da letra e do desempenho  
da história breve da Lua.  
Mas a peça continua.  
Eu vou lá dentro e já venho.  
(sai)

(Entram dois homens do povo, Agapito e Jerônimo, que logo se percebem virem a discutir a respeito da Lua. Jerônimo é ignorante; Agapito não é tanto.)

JERÔNIMO Tu és teimoso, Agapito!  
(apontando a Lua)  
Então não vês que é um homem?

AGAPITO Pois que por burro me tomem  
mas nisso não acredito.  
Querias tu que fosse alguém  
que ali estivesse estampado!  
O filho da tua mãe!  
Eu sou teimoso, está bem,  
mas tu és burro chapado.

(Entra o Astrônomo, figura de sábio,  
bem disposto e divertido, velho, des-  
penteado e simpático. Transporta  
um tripé e um óculo comprido  
que, na altura própria, instalará em  
cima.)

ASTRÔNOMO Ora vivam, meus senhores!  
Uma noite como esta  
não é feita p'ra rancores.  
'Stá a Natureza em festa.

O arzinho cheira a flores.  
(noutro tom)  
Par'ceu-me que discutiam  
qualquer coisa sobre a Lua.

JER. É verdade.

AST. É que diziam?  
Se calhar não se entendiam.

AGA. Cada um ficou na sua.

AST. Talvez possa ser prestável  
com minha sabedoria.  
Dedico-me à astronomia.  
Sou astrônomo, e notável.  
Conheço o céu ponta a ponta  
e os astros todos sem conta  
lão bem como o meu nariz.

JER. (de boca aberta, a Agapito)

Que é isso de ser astrônomo?

AGA. Não sejas parvo, Jerônimo!  
(balando bem as sílabas)  
As-trô-no-mo é que se diz.

JER. E isso que é? Não percebo!

AGA. Já foi dito. Não ouviste?



Se não percebes, desiste.  
Não faças papel de gebo.

AST. Mas vamos então lá ver.  
Afinal de que se trata?

AGA. Este cabeça de lata  
não há meio de perceber,  
coltado, não compreende,  
que a mancha que além se estende  
[aponta para a Lua]  
ou sombra ou lá o que seja,  
não pode ser a figura  
de nenhuma criatura,  
de algum homem que lá esteja.

AST. 'Stá certo, e até calha bem  
que vos vou tirar as feimas.  
Eu cá não sou de toleimas  
mas, melhor do que eu, ninguém  
conhece o mundo celeste,  
vocês são homens com sorte!  
desde o sul até ao norte,  
desde leste até oeste.

(dispondo-se a montar o óculo sobre  
o tripé para a observação da Lua)

Ora dai-me aqui 'ma ajuda  
para assentar o tripé.

JER. Essa coisa p'ra que é?

AST. Já vai perceber. Caludal

JER. (pegando no óculo)

E este grande canudo?

AST. Pegue nele com cuidado.

AGA. Tu não podes 'star calado?  
Era bom que fosses mudo.

AST. (perante o óculo já montado no tripé)

Este tubo tem 'mas lentes  
de feitios especiais.  
São vidros mas excelentes,  
polidos e transparentes  
como límpidos cristais.  
(referindo-se a cada um dos respectivos  
extremos do óculo)  
A luz vem por este lado,  
e é por aqui que se espreita,  
por esta abertura estreita.  
E vê-se tudo aumentado.

JER. (aporta, a Agapito)

Tu não tens medo, Agapito?  
Achas que isto não dispara?

AGA. Tem vergonha nessa caral

JER. Parece-me isto esquisito.

AST. (espreitando pelo óculo)

Cá está ela! Cá está ela!

A Lua dos meus amores!  
Venham vê-la, meus senhores,  
e digam se não é bela.  
(a Jerônimo)  
Ora espreite por aqui.

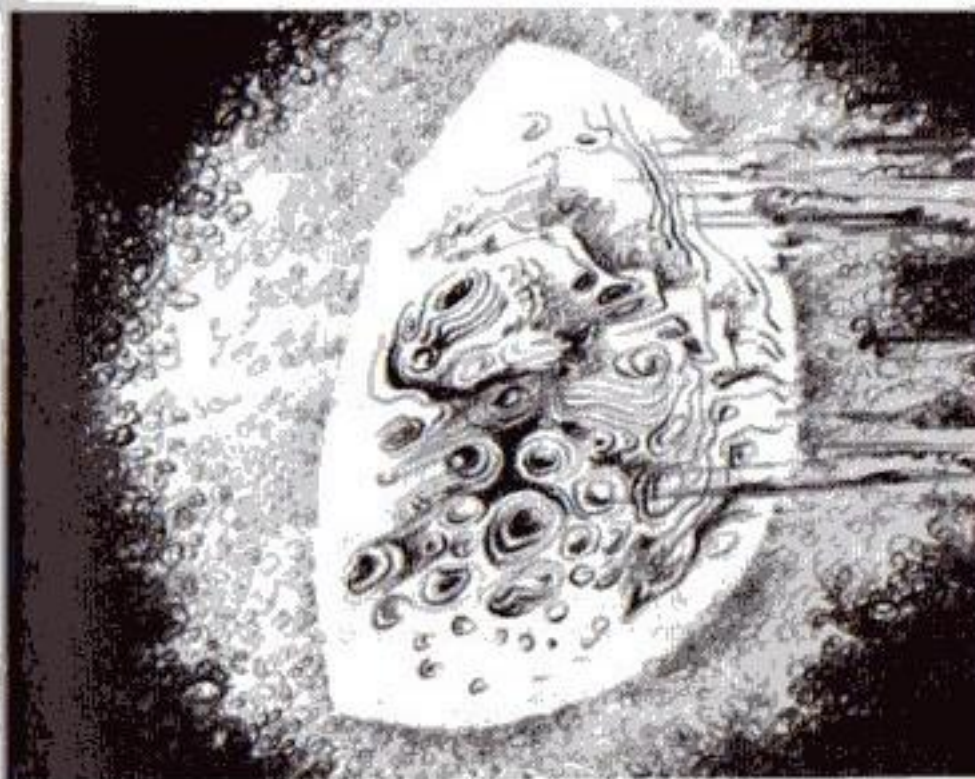
JER. (espreitando, com grande espanto)

Hi..... ñi..... lili!  
Agarrem-me se não cai!  
Começo a sentir-me aflito,  
Espreita aqui, Agapito,  
Se não me acodem, desmai!

AGA. (espreitando)

Oh! mas isto vale a pena  
ver-se com todo o vagar.

AST. Tem muito que apreciar  
que a Lua não é pequena.



JER. (a Agapito)

E o tal homem que lá 'stava?

AGA. Vem cá tu. Vê lá se o vês.

JER. (espreitando)

Só vejo covas à brava.  
Ali é que eu não andava  
que até entortava os pés!

AST. Pois essa opinião sua  
é mais certa do que pensa  
porque a superfície imensa  
do astro chamado Lua  
é toda aos altos e baixos  
com montanhas e crateras.

JER. E há lá uvas aos cachos  
e nos buracos há feras?

AST. Não. Na Lua não há vida,  
nem plantas nem animais.  
(declamando)  
É como barca perdida,  
desolada e adormecida  
nos espaços siderais,  
(voltando do mesmo tom)  
Não tem água nem tem ar.

AGA. Então o que é que ela tem?

AST. Tem rochas.

JER. E tem luar.



AST. Isso é da luz que lhe vem  
do Sol quando bate nela,  
como se a luz incidisse,  
batesse e se reflectisse  
nos vidros de uma janela.  
Essa luz que o Sol lhe dá  
quando bate nas montanhas  
e nas crateras tamanhas  
forma essas sombras estranhas  
que nós notamos de cá.  
Com as formas que apresentam  
não admira que as tomem  
como sendo formas de homem,  
mas são coisas que se inventam.

AGA. Ouves, Jerónimo? E então?  
Quem é que tinha razão?  
Diz lá com sinceridade.

JER. (abacando a cabeça e torcendo o nariz)

Essa coisa das montanhas  
mais me parecem patranhas  
do que falas de verdade.

AST. (despiando o casaco)

Então façamos de conta  
que o casaco é a montanha.  
Dali vem o Sol que a banha

(acende-se um projectar que dará  
no chão as sombras do casaco e  
das pessoas. O Astrónomo suspende  
o casaco pela gola)

e eu peço-lhe aqui na ponta.  
(para Jerónimo)  
"Stá vendo as sombras no chão?  
Vê a minha e vê a sua?  
Aí tem as manchas da Lua.  
Percebeu a explicação?

AGA. Bem gostava eu de saber  
as coisas que o senhor sabe!

AST. Todo o tempo é de aprender  
desde a hora do nascer  
até que a vida se acabe.

JER. "Stará tudo muito certo  
mas eu não vou às primeiras.

AGA. Sempre foste muito esperto.



AST. Não está pensando decerto  
que eu esteja a dizer asneiras.

JER. Pois se até já me disseram  
que há tempo os jornais falaram  
nuns tais homens que estiveram  
na Lua, foram, vieram,  
e se por lá não ficaram  
foi só porque não quiseram.

AST. E você não acredita?

JER. (rindo)

Ah! Ah! Ah! Que grande lital!

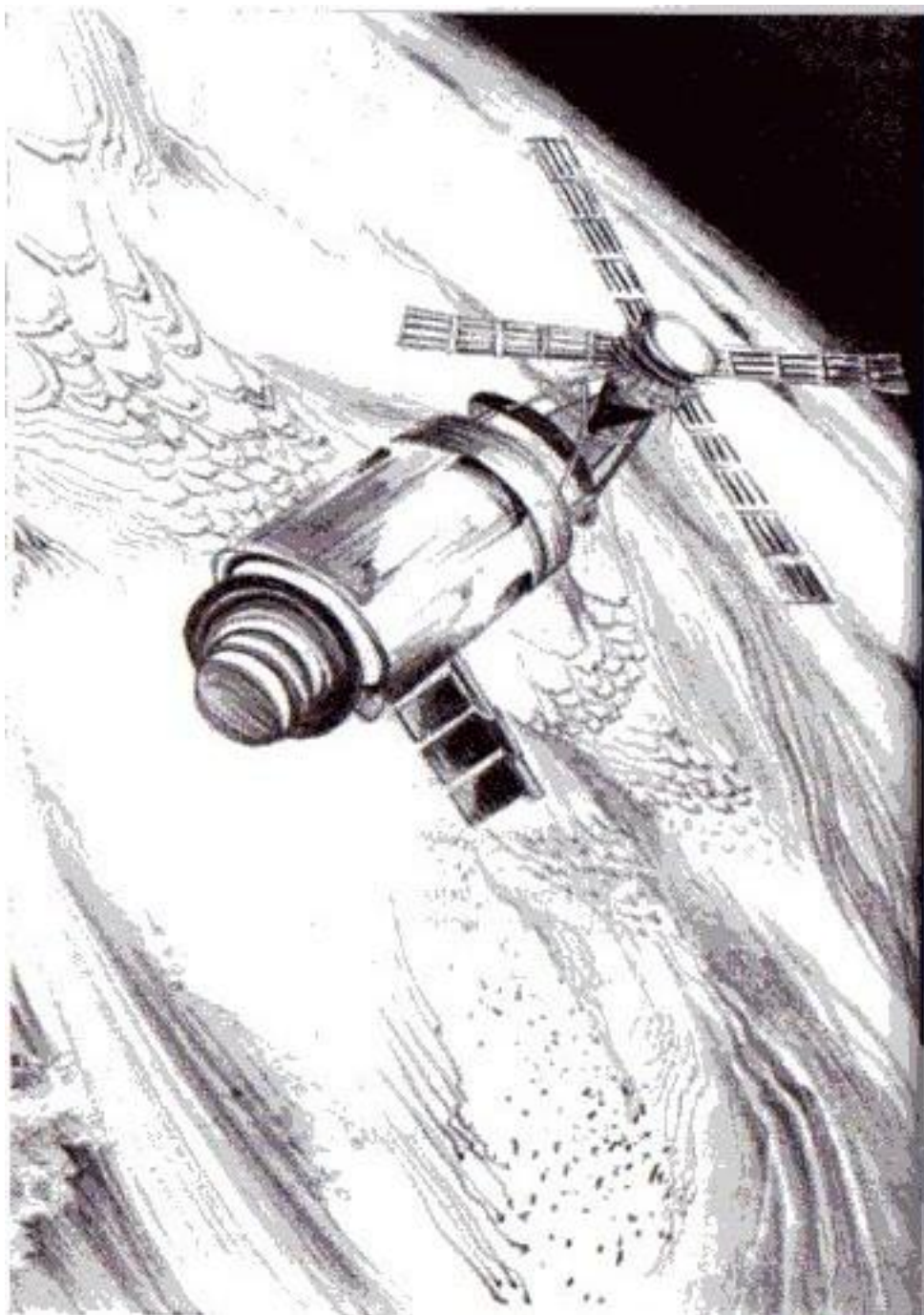
AST. Pois então fique sabendo  
que foi mesmo como disse.

JER. (rindo)

Ah! Ah! Ah! Mas que tolice!  
Não acredito nem vendo.

AGA. Mas que teimosia a tua!





JER. Só se os puseram na Lua  
com dois coices de jumento.  
(rindo)  
Ah! Ah! Ah! Que até rebento!

AST. Se não quer acreditar  
isso agora é lá consigo  
mas que é certo o que lhe digo  
posso jurar e jurar.  
A notícia que lhe deram  
é de todo verdadeira.  
Foram à Lua, vieram,  
e de espanto emudeceram  
a humanidade inteira.

(Entra a Rapariga das Fases. Veste um frajo comprido, amplo e liso, com a frente branca e as costas pretas, de tal modo que vista de frente se vê toda branca; de costas, toda preta; de perfil, metade branca e metade preta.)

RAPARIGA Desculpem a intervenção.  
Calhou passar por aqui  
e mesmo sem qu'rer ouvi  
toda a vossa discussão.

AST. Falávamos sobre a Lua.

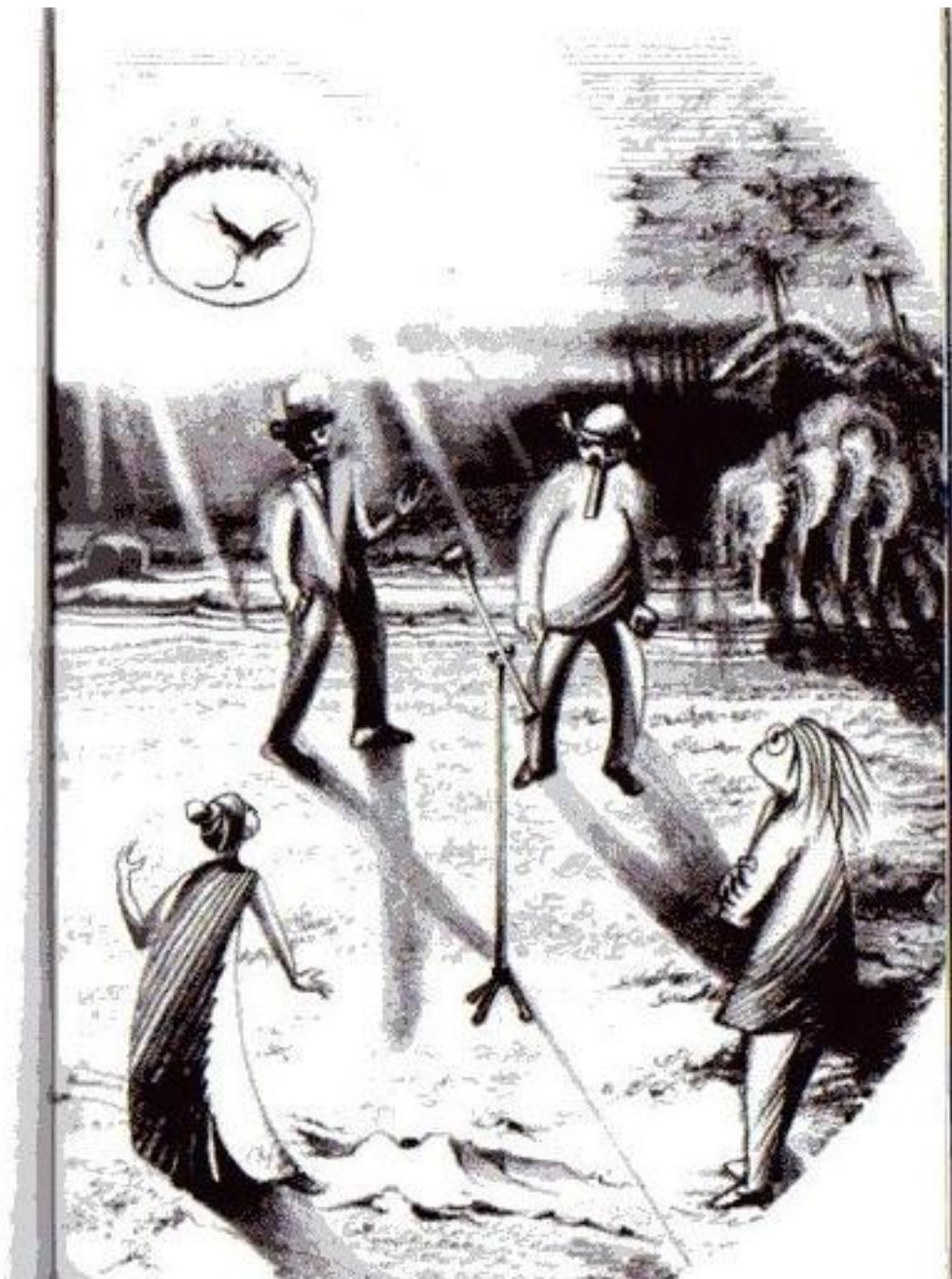
RAPARIGA Eu sei, eu sei. E o senhor  
falava como um doutor  
muito seguro da sua.  
Sinto-me cheia de sorte  
e aproveito a ocasião  
p'ra lhe pôr uma questão,  
no caso que não se importe.

AST. Poder ensinar alguém  
p'ra mim é sempre uma festa.

RAPARIGA. Pois então aqui a tem.  
A minha dúvida é esta.  
Nunca percebi porquê  
nem sempre a Lua se vê  
co' a forma que deve ter.  
Não sei onde ela se esconda  
para às vezes ser redonda  
e outras vezes não ser.

JER. Ande lá, ande. Responda.

AGA. Também me interessa saber.



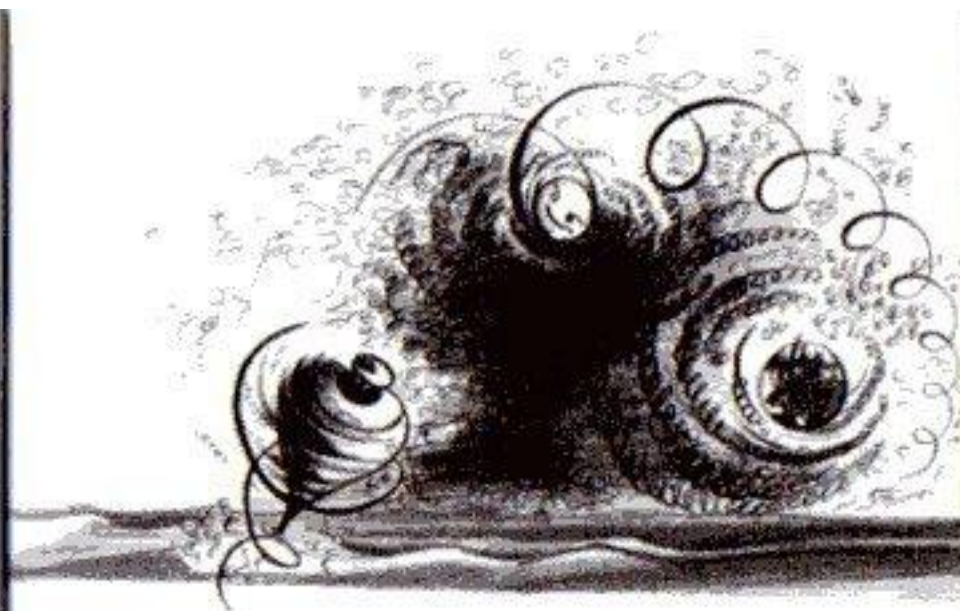
JER. (aparte, para Agapito)

"Stou a ver que esta seresma  
julga que a Lua é a mesma,  
mas são várias, pois não são?"

AGA. Ai, Jerónimo, Jerónimo!  
Não nasceste para «astrónimo».  
Cala a boca, parvalhão!

AST. (para a Rapariga)

Se não erro, lá na sua,  
o que a menina pretende  
é conseguir ver se entende  
as quatro fases da Lua.  
Não é isso?



RAP. Exactlymente.  
Se isso não lhe der maçada.

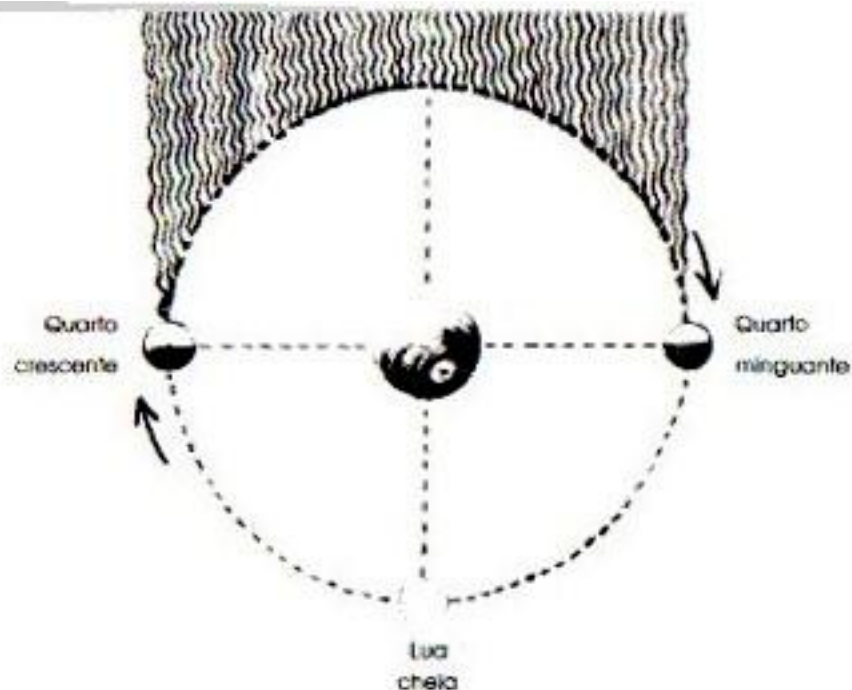
AST. Não me maça mesmo nada.  
Fico até muito contente.  
(pigarra e começa o discurso)  
Deve lembrar-se da escola  
que a Lua é 'ma grande bola,  
como os astros todos são,  
e que anda à volta da Terra.  
Não se atrasa nem emperro.  
Cumpre a sua obrigação.

JERÓNIMO (a Agapito)  
Parece-me isto mentira.

AST. E além disso também gira  
como se fosse um pião.

Se a Lua não se movesse,  
se estivesse ali parada,  
(aponta para a Lua)  
qualquer forma que fivesse  
não se mudaria em nada  
quando a luz do Sol lhe desse.  
Assim, o aspecto que tem  
nas várias ocasiões  
depende das posições  
dela, do Sol, e também  
da Terra, evidentemente.  
Fiz-me entender?

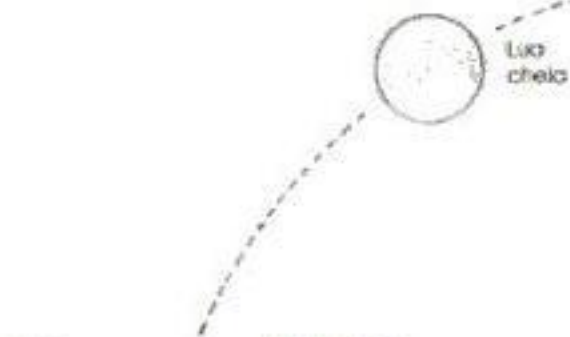
RAP. Certamente.  
Compreendi muito bem.



AST. Daqueles vários aspectos  
que nos são apresentados  
há quatro casos concretos  
que têm nomes completos  
e bastante apropriados.  
Em cada um se acentua  
a situação que lhe cabe.  
Chamam-se as fases da Lua  
como toda a gente sabe.

(apontando para a Rapariga para  
que lhe responda)

As fases são...



RAP. Lua cheia.

AST. (apontando para Agapito)

Segue-se...

AGA. Quarto minguante.

AST. E depois?...  
(aponta para Jerônimo)



JER. (encolhendo-se)

Não faço ideia.  
É melhor passar adiante.



AST. (apontando de novo para a Rapariga)

Depois...

RAP. É a lua nova.

AST. E agora, finalmente...  
(aponta para Jerônimo)

JER. 'Scusa de me pôr á prova.

AST. (apontando para Agapito)

E depois...

AGA. Quarto crescente.

AST. (satisfeito)

Aqui estão as quatro fases.  
Ora aprendam, meus rapazes,  
e a menina igualmente!



(Durante toda esta última conversa, e sempre na altura própria, a lua cheia que se via no céu passa a quarto minguante ( , depois desaparece quando se fala em lua nova, e por fim passa a quarto crescente) . As imagens aparecem no céu à medida que vão sendo proferidas as respectivas designações. Após o último verso volta a aparecer no céu a lua cheia conforme estava antes de se falar nas fases.)

AST. (muito tom, falando para a Rapariga)

Só agora é que reparo  
no traço que tem vestido.

RAP. É bonito e é bom tecido,  
e até não foi nada caro.

AST. Fica-lhe mesmo à feição.

RAP. E realça o tom da pele.

AST. Pois eu vou servir-me dele  
para lhes dar 'ma lição.

(pega na mão da Rapariga e  
conduz-a até ao fundo da cena)

Ora coloque-se aqui  
voltada para este lado.

(fica voltada para a direita do público)



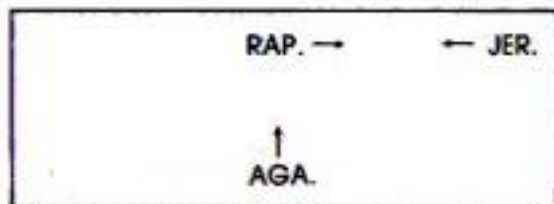
**O Agapito põe-se ali.**

(aponta-lhe a boca da cena onde Agapito fica colocado de costas para o público, distanciado da Rapariga, e agachando-se, se for preciso, para não a encobrir da vista dos espectadores. Continua, acenando para Jerônimo.)

**O amigo aqui, perfilado,**

(dirigindo-se para a Rapariga)

**e voltado para si.**



(dirigindo-se a cada um por sua vez)

**A menina faz de Lua,  
a Terra é o Agapito,  
e o Jerônimo actua  
como o Sol, o mais bonito.**

(afastando-se do conjunto e iniciando a exposição que vai seguir-se)

**Pois venha o Sol, sem demora.**

(um projector, como se viesse de Jerônimo, ilumina a frente branca do traje da Rapariga).

**Eis a Lua iluminada.**

(aproxima-se do intervalo entre a Rapariga e Jerônimo e coloca-se exactamente nesse intervalo).

**Se a Terra estivesse agora  
neste espaço colocada  
veríamos lua cheia,  
redondinha como um queijo,  
do mesmo modo que a vejo**

(aponta para a Lua do cenário)

**neste céu que nos rodeia.**

(vem até junto de Agapito)

**Mas se a Terra está daqui  
já isso não é verdade..  
Co' o Sol colocado ali,  
quem olhar daqui p'r'aí**

(aponta para a a Rapariga que durante a cena se mantém sempre com o corpo de perfil, voltada para Jerônimo)

**só vê da Lua metade.**

(A Lua do cenário passa a metade de D)

Tudo fica 'clarecido  
olhando p'r'o seu vestido.  
Perceberam?

(só a partir deste momento as figurantes se retiram das posições em que estavam)

RAP. Muito certo.

AGA. (a Jerónimo)

Quero crer que te convenças.

JER. Nunca tinha descoberto  
a razão destas diferenças.

RAP. (falando para o Astrónomo)

Uma dúvida me resta.  
Quando vejo só metade,  
que pode ser esta...

(aponta para o céu onde está D)

...ou esta,

(muda a imagem para C)

eu tenho dificuldade  
em perceber de repente  
se essa metade brilhante  
quer dizer quarto minguante  
ou dizer quarto crescente.

AGA. e JER. Isso, isso, diga lá.  
Nós também qu'remos saber.

AST. Pois vou responder-vos já  
e jamais se hão-de esquecer.  
Se a Lua parece um D

(projecta-se a imagem D)

'stava bem dizer «decesce»,

(acentua bem a primeira sílaba de «decesce»)

e quando parece um C

(projecta-se a imagem C)

devia dizer que «cresce».

(acentua bem o c inicial)

JER. Que coisa tão curiosa!

AGA. Acho isso extraordinário!

AST. É exactamente o contrário  
porque a Lua é mentirosa.  
Se tem a forma de um D

(aparece a imagem D)

isso quer dizer que cresce,  
e quando parece um C



(aparece a imagem (j))  
significa que decresce.

RAP, AGA, e JER (em dicção cantada em coro)

Ai que giro que isto é!  
Que coisa tão graciosa  
de trocar o C co' o D!  
Como a Lua é mentirosa!  
Ai que giro que isto é!  
Vamos todos dar ao pé  
porque a Lua é mentirosa!

(Cantam e dançam todos repetindo  
os últimos três versos, enquanto a luz  
esmorece até se apagar de todo.  
Entretanto poderá surgir no céu uma  
lua caricatural, com olhos, nariz e  
boca, piscando o olho.)



FIM

IMPRESSO EM PORTUGAL  
Por Tipografia Guerra, Viana  
Depósito Legal n.º 269 788/88  
ISBN 978-972-962-113-2